

---

# RECENSÕES

---

## **Da casa da juventude aos confins do mundo: Etnografia de fragilidades, medos e estratégias juvenis**

**Silva, Sofia Marques (2010). *Da casa da juventude aos confins do mundo: Etnografia de fragilidades, medos e estratégias juvenis*. Porto: Edições Afrontamento.**

A partir de uma etnografia de vários anos na casa da juventude de um bairro periférico do Porto, desenvolvida para as suas provas de doutoramento, Sofia Marques da Silva oferece uma visão sensata, inovadora e profunda dos jovens que vivem nas margens, tanto mais oportuna quanto, por um lado, crescem, em todo o país, as bolsas de pobreza e exclusão, as juventudes suburbanas apartadas das promessas da modernidade, entre as quais o sucesso escolar, e, por outro lado, existe uma pressão crescente para que os estudos educacionais se centrem no trabalho da sala de aula, esquecendo quantas vezes que o aluno é, na verdade, uma criança ou jovem de corpo inteiro, que reclama ser reconhecido como tal e que se vai formando entre diferentes contextos.

O quadro teórico em que assenta a pesquisa destaca-se por ser extremamente eclético e equilibrado, ou seja, a autora encadeia pacientemente argumentos oriundos de diversas fontes bibliográficas, permitindo construir o objeto de estudo a partir

de múltiplos pontos de vista. Concilia assim a linha «culturalista» da escola Birmingham – e, em particular, o trabalho de Paul Willis –, que a havia já guiado em projetos anteriores, com propostas mais estruturalistas, como as de Pierre Bourdieu ou Ulrich Beck, e outras associadas à «teoria pós-moderna», via Michel Maffesoli ou José Machado Pais, tecendo-as com contributos da corrente feminista. Este «corte e costura» é muito conseguido, explorando-se as linhas de continuidade entre teorias tantas vezes consideradas antagónicas.

Desta forma, evitam-se reducionismos comuns nos discursos sobre a juventude, seja na forma de seres individualistas, irresponsáveis e perigosos, de vítimas passivas das estruturas sociais ou de heróis da resistência quotidiana. Ao invés, a autora assume o compromisso de compreender e dar voz aos jovens com quem trabalhou, de modo a que estes conduzam à compreensão de um lugar específico no espaço social contemporâneo que é o da juventude da periferia urbana. É notável como pratica o

que enuncia como a «dialética da surpresa», ou seja, o princípio de que a teoria e a observação devem interpelar-se continuamente, ao longo da pesquisa, suscitando perplexidades e novos questionamentos.

Ajustado a este princípio, o protocolo metodológico é também apresentado de forma rigorosa, num capítulo importante para todos aqueles que pretendam realizar pesquisas de terreno, até porque a «respigadora» – metáfora original com que se intitula a investigadora, aludindo à sua noção do trabalho etnográfico – evita sempre esconder-se atrás de regras abstratas, abrindo com minúcia a «caixa negra», ao refletir sobre as experiências e dilemas que foram marcando o seu trabalho de campo, ou seja, a complexa, delicada e dinâmica relação que foi construindo com os sujeitos da investigação. Aliás, é na reflexão arguta sobre os modos diferenciais de relação com crianças e adolescentes, com rapazes e raparigas, com cada um dos atores em presença, que se abre caminho para os resultados mais importantes da pesquisa.

De salientar ainda a forma como Sofia Marques da Silva, não abrindo mão do rigor da prática científica, vai introduzindo elementos do universo artístico, no modo como observa, pensa e escreve a sua obra. Ao permitir uma exploração mais livre das emoções, intuições e expressões, a arte produz valiosas pistas que podem enriquecer a compreensão dos fenómenos sociais, desde que posteriormente validadas pelos instrumentos específicos do campo científico.

Relativamente aos resultados da pesquisa, na impossibilidade de abarcar a sua riqueza e diversidade, centramo-nos aqui em três que nos parecem fundamentais para aprofundar o nosso conhecimento das sociedades contemporâneas e, em particular, dos jovens em contextos desfavorecidos.

Em primeiro lugar, a centralidade de múltiplas instituições na vida destes jovens. Ao contrário de uma visão clássica da pobreza e da exclusão social como pautadas por ausências ou encerradas em

circuitos informais, o estudo mostra que, na verdade, diversas instituições – entre as quais a própria casa da juventude, mas também a escola, a comissão de proteção de crianças e jovens, o centro de saúde, a segurança social, o centro de emprego, entre outros – marcam os quotidianos dos bairros periféricos e dos seus jovens. Resta perguntar: qual o papel destas instituições e dos seus profissionais? Controlar ou transformar? Quais os regimes de integração que propiciam? Os jovens são protagonistas destes espaços ou são seus «utentes» e «beneficiários»?

Embora estas questões mereçam, por si próprias, outra investigação, pode antever-se, ao longo da obra, que estas instituições raramente conseguem superar a sua matriz rígida e hermética, denotam evidentes dificuldades de articulação entre si e subestimam a voz dos jovens, na sua busca por aliar diferentes lógicas de legitimação, em cada momento. Assim, os protagonistas do estudo encontram-se inscritos em diversas instituições, mas mantêm-se frequentemente nas suas margens, revelando uma integração parcial, intermitente e não ausente de tensões, aquilo que designei num trabalho anterior por «práticas de adesão distanciada». No entanto, como bem nota a autora, estes contextos não deixam de ser fundamentais na construção de «pertencças» a lugares, a redes interpessoais e a práticas, geradores, portanto, de modos emergentes de inscrição no social.

Ao centrar a pesquisa na casa da juventude, a autora não deixa de interpelar a escola, permitindo «olhá-la de fora». Nesta perspetiva, a escola surge como particularmente autista às condições, projetos e expectativas dos jovens, bem como da comunidade envolvente. Mas a própria casa da juventude, «espaço de conforto» menos estruturado e mais próximo das vivências adolescentes, não escapa a esta tendência, consubstanciada no reconhecimento por parte dos técnicos de que a etnografia conheceria melhor os jovens, pois eles não dispõem do tempo para tal. Em paralelo, nestes espaços institu-

cionais, assiste-se a uma «psicologização» dos problemas sociais, inscrita na busca por «individualizar» o trabalho com cada jovem, geradora de frustrações cruzadas, por se tratar de um desígnio manifestamente irrealista, atendendo aos recursos disponíveis, mas também porque muitos dos problemas que assolam estas vidas são sociais, não psicológicos. Inadvertidamente, não deixam de contribuir para a ocultação das relações estruturais de exploração e exclusão em que estão imersos os jovens e as suas famílias. Emerge assim um labirinto institucional, com recursos significativos, mas escassa capacidade transformadora, e pelo qual se vão perdendo muitos jovens.

Em segundo lugar, a pesquisa torna evidente a centralidade conferida ao trabalho. Mesmo quando as experiências raramente superam os regimes laborais precários, temporários e desqualificados, os jovens não deixam de investir estas experiências de subjetividades, concebendo o trabalho como meio fundamental de construção da identidade e de participação na sociedade. Esta constatação é preciosa para contrariar a conceção neoliberal dominante do trabalho como privilégio mercantilizado, reduzindo-o à sua faceta de meio de subsistência, temporariamente substituível por prestações sociais. E, em particular, evidencia a falácia da ideia do senso comum que tende a ver os jovens dos meios desfavorecidos como pouco propensos à atividade laboral, preferindo viver de expedientes vários. Mas interpela igualmente uma visão comum no meio académico, que tende a associar os trabalhos assalariados, precários e desqualificados como potencialmente alienantes do «caráter», negligenciando os sentidos que os próprios trabalhadores lhes atribuem.

É neste sentido que ganha também relevância a apologia juvenil dos cursos profissionais, em contraste com o desgaste simbólico da escola, num dualismo perigoso que muitos especialistas têm vindo a denunciar, por vezes sem conferir a devida atenção ao papel redentor que estes cursos podem

desempenhar, aproximando os jovens de um mundo laboral que valorizam e do qual se encontram cada vez mais arredados nos tempos atuais, por uma miríade de circunstâncias.

Por fim, Sofia Marques da Silva mobiliza conceitos da arte barroca para compreender os quotidianos juvenis, mostrando como estes são impregnados por sentidos estéticos e que, em muitos casos, assentam numa exuberância das formas que permite «abrilhantar» a realidade e suscita fugas temporárias a um real (e racional) que os oprime. O corpo joga aqui um papel central, com os seus rasgos, medos e anseios – os *feelings*, recuperando uma expressão que a investigadora encontrou de forma recorrente nos discursos juvenis –, mas também como objeto sobre o qual se investe através de um trabalho incessante de produção e transfiguração do *eu*. Não negando a existências de formas emergentes, especificamente juvenis, ficou por fazer aqui uma ponte com os estudos que vêm explorando a importância do excesso, da inversão simbólica, do físico e emocional, nas designadas culturas «populares» ou «incultas», e que conhece hoje também interessantes desenvolvimentos no campo da *sociologia das emoções*.

Em suma, trata-se de uma obra de grande fôlego, rigor e imaginação, central para aprofundar o conhecimento sobre a sociedade portuguesa atual e buscar modos de transformá-la, num tempo em que a pobreza e a exclusão já não podem ser reduzidas a lastros do passado, em vias de resolução e afetando as gerações mais velhas – em contraste com uma visão romântica da juventude livre, dos tempos modernos –, mas que se transmutam em novas expressões, marcando os quotidianos juvenis em muitos territórios.

Pedro Abrantes

CIES-IUL – Centro de Investigação  
e Estudos de Sociologia  
Instituto Universitário de Lisboa